

Artes Visuais



Rubem Breitman, Haroldo Barroso, Pietrina Checcacci, Márcia Barroso do Amaral, Paulo Roberto Leal e Ana Letícia

Os múltiplos de seis artistas

O múltiplo e suas implicações artísticas e mercadológicas é o questionamento da exposição que reúne a partir de amanhã, na Galeria Múltipla (av. Morumbi, 7990), seis artistas atuantes e radicados no Rio de Janeiro, que isentos de grupismo — cada um, isoladamente, manifesta-se também por outros meios de expressões — juntam-se para esta mostra em São Paulo.

Os seis artistas são Anna Letícia, Haroldo Barroso, Márcia Barroso do Amaral, Paulo Roberto Leal, Pietrina Checcacci e Rubem Breitman, alguns deles já bastante conhecidos pela sua adesão ao múltiplo, outros, como a gravadora Anna Letícia, somente agora aderindo a essa proposta que, introduzida entre nós na década de 60 não encontrou ainda uma franca receptividade do público.

— A razão da receptividade do colecionador ao múltiplo, ao contrário do que se afirma no Brasil é boa, embora nos falta quase tudo: material e, principalmente, editores.

A explicação é do também escultor Haroldo Barroso, premiado em 1973 com viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna e que vem se dedicando ao múltiplo desde sua primeira exposição individual, em 1972.

— Nos países mais desenvolvidos tecnologicamente, o múltiplo é uma saída para o barateamento da obra de arte. Um editor solicita ao artista um protótipo e encarrega-se de transformá-lo numa obra seriada, levando, dessa maneira, a um maior número de pessoas um privilégio que somente poucos têm, ou seja, o de possuir uma obra de arte assinada por um artista de renome.

Barroso explica que, no seu caso pessoal, o múltiplo é quase uma obra original.

— Eu mesmo é que realizo cada uma das pe-

ças, razão pela qual sua tiragem é limitadíssima.

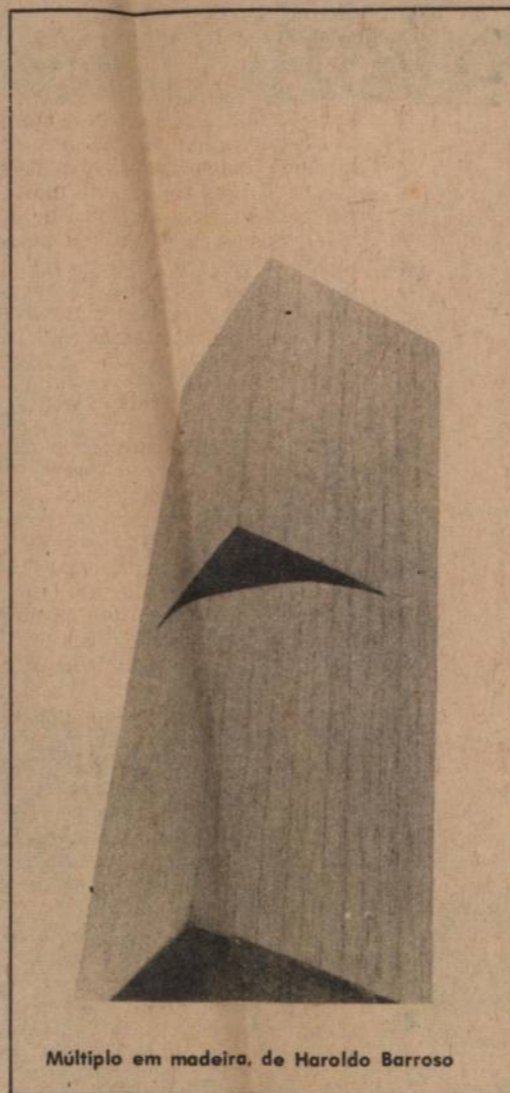
— Minhas peças de pequenas dimensões, em madeira, podem ser qualificadas de múltiplo, mas, para mim, trata-se de uma série de esculturas com uma tiragem além da que me é imposta, por direito, como escultor.

A mesma opinião tem a pintora Márcia Barroso do Amaral que, além dos múltiplos, em madeira, com formas geométricas, estará presente na exposição da Galeria Múltipla com quatro telas.

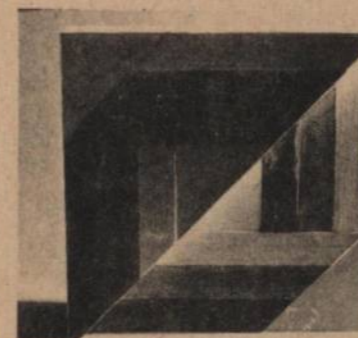
— Não só as minhas peças como também a de outros artistas transcendem o conceito pelo qual é conhecido o múltiplo, já que cada um procura dar-lhe uma nova dimensão, ligando-o ao objeto e, com isto, tornando-o esculturas de pequeno porte.

O caso da pintora Pietrina Checcacci exemplifica muito bem essa tendência. Considerada um dos mais importantes nomes da sua geração, Pietrina, apesar de italiana de nascimento, vive e trabalha no Brasil desde criança, já sendo, portanto, brasileira. Seu trabalho atual, sem qualquer aproximação direta com o hiper-realismo tem com ele, no entanto, algumas semelhanças, pela maneira com que ela aborda a paisagem humana.

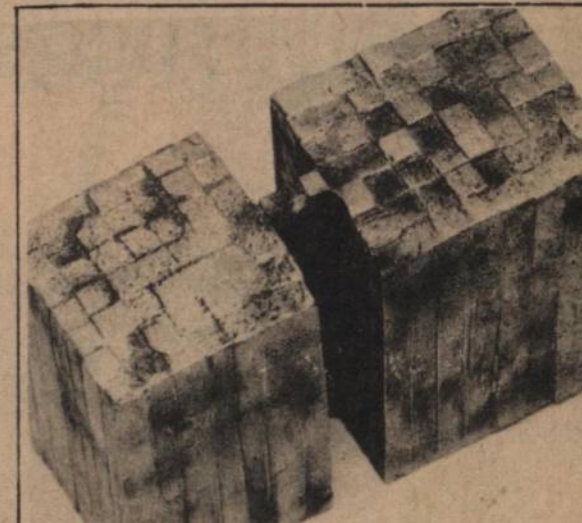
— O que me interesse, no momento, — diz ela — é o ser humano, muito mais para a abstração do que para o figurativismo. Sempre procurei a terceira dimensão em minha pintura e o múltiplo que criei para esta exposição em São Paulo está ligado à minha pintura: trata-se de uma forma arredondada, em bronze, assemelhando-se a um umbigo, com um suporte em bronze, nas dimensões 40 x 26 x 10. Devo esclarecer que a escultura apareceu no meu trabalho como uma variante



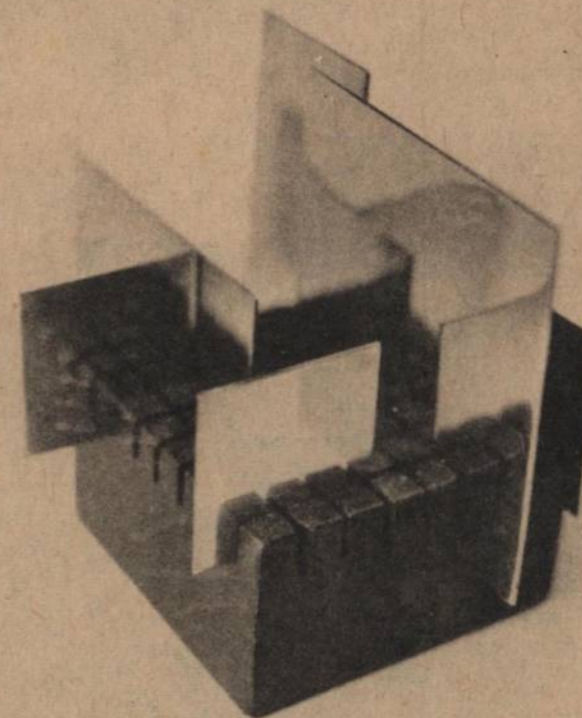
Múltiplo em madeira, de Haroldo Barroso



Múltiplo em madeira, de Márcia Barroso do Amaral



"Edifício", trabalho (múltiplo) de Rubem Breitman



"Armadura", de Paulo Roberto Leal (100 exemplares), em madeira e latão

da pintura; posteriormente, adquiriu personalidade própria. Foi uma evolução natural. Não tenho nenhum receio de confessar que faço realmente múltiplos para vender meu trabalho mais barato, pois, acredito, e todos os meus colegas da presente mostra concordam comigo, sua principal finalidade é justamente esta: baratear a obra de arte e, ao mesmo tempo, difundir-la a um número maior de interessados.

Também o escultor e arquiteto Rubem Breitman é da mesma opinião. Para ele, a falta de editores especializados contribui muito para que o aspecto industrializante do múltiplo seja relegado a segundo plano, no Brasil.

Já tendo criado várias peças seriadas e com elas participado de exposições coletivas não só no Rio de Janeiro como em outros Estados, Breitman trabalha usualmente com o acrílico, o aço, a madeira e, agora, com o azulejo, sempre de forma construtivista.

— Não posso é querer qualificar minhas peças como um múltiplo na acepção da palavra. Como eu próprio as executo, quase todas as peças apresentam uma diferenciação entre si. Não seria, então, melhor defini-las como objetos? Na verdade, não estou muito preocupado com rotulações. Prefiro concordar com Márcia quando o define como esculturas de pequeno porte. Acho a definição perfeita.

Breitman apresenta estruturas em bronze, fixas ou multáveis, executadas originalmente em madeiras e aprisionadas em caixa de acrílico e só posteriormente passadas para o bronze.

Anna Letícia e Paulo Roberto Leal são os dois outros artistas que completam o grupo carioca. A primeira, um dos grandes nomes da gravura brasileira, com importantes premiações, inclusive na Bienal de Paris, adere ao múltiplo,

como ela própria acentua, "como uma coisa planejada há muito tempo e que só agora realiza".

Trata-se de caixas de madeira, sobre as quais aparecem elementos decorativos, como volutas e outros desenhos, dando a ilusão de aglomerações. Sem perder a ligação com a sua gravura, cujos caramujos também estão presentes nos múltiplos atuais, Anna Letícia complementa sua representação na mostra com gravuras e guaches, tendo as caixas como temáticas. Paulo Roberto Leal, o último participante do grupo, é também um dos artistas que mais tem compreendido a função dos múltiplos

entre nós, principalmente no aproveitamento de novos materiais. Premiado na Bienal de São Paulo em 1971 na categoria internacional, Leal, um dos pioneiros no uso do acrílico na arte brasileira, em seu novo múltiplo utiliza, porém, a madeira e o metal, o primeiro como suporte e, o segundo, como lâminas encaixadas.

A madeira como material, e a geometria como forma são, pois, os dois elementos mais constantes nos trabalhos seriados desse grupo de artistas radicados no Rio, que agora mostra na Galeria Múltipla, questionando, a função lúdica do múltiplo. Está aberto, pois, o debate.